



## GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

### Relato e reflex?o sobre o documentário

**Autoria:** José Otavio Lobo Name

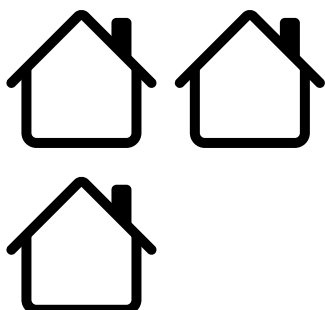
Neste work, irei esboar algumas reflex?es sobre o uso de fotografia e vídeo como formas de conhecimento, a partir do work de documenta??o do congo do Espírito Santo que venho realizando desde 2013, e fazer um relato da produ??o do documentário "Festa de S?o Benedito" (2018). Irei também fazer uma breve revis?o de alguns textos que contribuem ao tema, versando sobre antropologia visual, narrativa etnográfica, e objetividade científica. Abordando o texto de Etienne Samain que, a partir da produ??o fotográfica de Malinowski na Melanésia prop?e formas de se pensar a antropologia visual, procuro levantar algumas quest?es - n?o para respondê-las, mas para que guiem o meu work documental e a minha reflex?o acerca dele. Uma delas é a respeito de uma concep??o de realidade que, apreensível pela câmera, revelasse na imagem "seus significados"; em oposi??o   perspectiva que tem consciência de que o filme etnográfico é produzido numa rela??o entre o pesquisador, a câmera e o outro. Esta linha de pensamento permite-me comentar, brevemente, os works de Mead e Bateson em Balinese Character: a photographic analysis (1942); e o filme "The ax fight" (1975), de Timothy Asch. Essas ideias contribuem, também,   reflex?o sobre a produ??o do documentário Festa de S?o Benedito, cujo relato trata de decis?es técnicas, estratégicas e conceituais que fizeram parte do processo de filmar e editar o vídeo. Neste relato, s?o apresentadas as etapas que comp?em os festejos de S?o Benedito da Banda de Congo Amores da Lua, principal universo de minha pesquisa de doutoramento em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. O filme também faz parte do projeto O Congueiro, de pesquisa audiovisual acerca do congo do Espírito Santo. Através de redes como Flickr, Facebook, e YouTube, o projeto já publicou, desde 2013, centenas de fotografias, e mais de 150 vídeos, incluindo o documentário "O que é meu vem a mim" (2016), exibido na Mostra Competitiva do 7?o



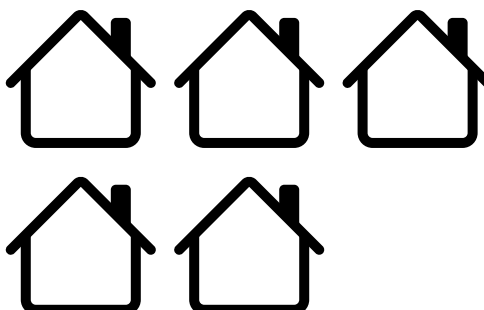
Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife, em 2016. Por fim, este work recorre aos textos de Donna Haraway e Tim Ingold para discutir as questões da objetividade na ciência e o papel do etnógrafo na "descrição" antropológica. O documentarista atua na fronteira entre o discurso autorial, subjetivo, e o compromisso social do cientista, que visa compartilhar um conhecimento construído por consensos metodológicos. São questões que estão presentes, o tempo todo, em meu work de campo, em que decisões técnicas e logísticas são tomadas ao lado de uma atitude tão sensorial quanto analítica, em que não estou a registrar a ação, somente, sem dela participar ativamente.



**Realização:**



**Apoio:**



**Organização:**

